

O desencantamento e o reencantamento nos contos de fada do século XXI

Juliana Alves Magaldi*
Carolina Alves Magaldi**

RESUMO:

O retorno dos contos de fada à literatura e à cultura de massas integra um movimento mais amplo centrado no reencantamento do mundo e na proposta de um pós-modernismo reconstrutivista. Analisaremos esse universo a partir de três contos de fada comissionados pelo jornal britânico *The Guardian* para refletirem o século XXI, com o suporte das teorias de Max Weber, Peter Berger e Suzi Gablik.

Palavras-chave: Contos de fada. Reencantamento. Pós-modernismo reconstrutivista.

Os contos de fada têm povoado o imaginário de leitores de todas as idades há séculos, tendo sido nomeados por Madame d'Aulnoy, no século XVII, e sendo direcionados inicialmente tanto ao público adulto quanto ao infantil. A partir do século XVIII, as crianças passaram a ser os leitores mais visados de tais narrativas, caracterizadas normalmente por serem contos curtos, com personagens fantásticos, passados em um tempo e local imaginários ou indefinidos e com forte teor moral. É importante destacar, ainda, que o caráter oral das transmissões iniciais de tais contos propiciaram a criação de um perfil intensamente intercultural para as narrativas, que cruzavam fronteiras e eram adaptados a diversas tradições locais.

Atualmente, os contos de fada têm sido encontrados maciçamente nos discursos de representação. No universo cinematográfico, por exemplo, há recentes versões sombrias de Alice no País das Maravilhas e Chapeuzinho Vermelho, além de duas adaptações de Branca de Neve previstas para o ano de 2012, *Espelho, espelho meu* e *Branca de Neve e o Caçador*. Dentre os programas televisivos houve recentemente uma novela da Rede Globo, *Cordel Encantado*, que alternava contos de fada e personagens do folclore brasileiro. Há, ainda, duas séries de TV estadunidenses que estrearam, neste ano, centradas neste tema, *Grimm* e *Once Upon a Time*.

No universo literário, centro de nosso estudo, a presença dos contos de fada se divide em releituras e novas compilações de clássicos como as narrativas de Perrault, Andersen e dos irmãos Grimm publicadas constantemente. Vale ressaltar que, essas obras englobam desde edições de luxo até versões com releituras de terror ou com personagens da Turma da Mônica. Há, ainda, uma busca por novas obras que incorporem suas referências, existindo, até mesmo, a categoria “contos de fada modernos” na loja virtual Amazon.

Combina-se a essa variedade um fator particularmente interessante, segundo o qual as obras contemporâneas relacionadas aos contos de fada preenchem uma gama de publicações que vão dos best-sellers infanto-juvenis até reescritas sofisticadas que subvertem concepções que os próprios contos fantásticos ajudaram a construir, como é o caso das releituras de relações de gênero na obra de Marina Colasanti.

Nascida em 1937, na colônia italiana da Eritreia, Colasanti é pioneira das releituras de contos de fada em língua portuguesa. Suas obras, dentre as quais destacamos *Os doze reis e a moça no labirinto do vento*, trazem personagens femininas que desafiam os estereótipos de boas moças aguardando príncipes encantados, ainda que com consequências trágicas.

Nosso objeto de estudo representa uma convergência da tradição dos contos de fada e de seu momento atual, uma vez que, trataremos do convite do jornal britânico *The Guardian* para que três escritoras de grande prestígio a britânica Hilary Mary Mantel, a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie e a estadunidense Audrey Niffenegger publicassem contos de fada para o século XXI¹.

A manchete revela o objetivo do convite: “Era uma vez... príncipes sapo, irmãs feias e mensagens sombrias e morais. E agora? Nós desafiamos três escritoras a bolarem contos de fada apropriados ao século XXI”² (THE GUARDIAN, 2012).

Hilary Mary Mantel é uma romancista inglesa de renome, tendo ganhado o Man Booker Prize, em 2007, por seu romance *Wolf Hall* e tendo sido agraciada com a Ordem do Império Britânico. Sua obra compreende uma gama de estilos, desde memórias até romances históricos. Em sua obra autobiográfica *Giving up the Ghost* ela revela a perda, aos 12 anos, de uma religiosidade calcada na culpa³.

Para a iniciativa, Mantel escreveu “Narcissa”, a história de uma princesa que acreditava que nada nem ninguém era bom o suficiente para ela e que, após décadas de aprisionamentos de tudo que era belo ou potencialmente mágico, encontra sua própria alma trancada em um armário.

Já Chimamanda Ngozi Adichie, nigeriana educada em prestigiosas universidades estadunidenses, tais como Yale, Princeton, Johns Hopkins e Harvard, recebeu também diversos prêmios literários, dentre eles o Orange Prize e o Commonwealth Writers Prize. Sua obra trata de temas relacionados à Nigéria pós-colonial, como é o caso de *Hibisco Roxo* e *Meio Sol Amarelo*, este último passado durante a guerra civil nigeriana e tem grande receptividade em círculos literários europeus e norte-americanos, sendo incluídos em coletâneas de contos, como é o caso da edição de 2011 de *Best American Short Stories*, e em programas literários de ensino médio e universitário.

Para o *Guardian*, Adichie escreveu “Hair”. O conto, passado nos dias atuais, narra a história de um pai que perde todas as suas posses em um jogo de cartas. Sem dinheiro, mãe e filha passam a manter seus cabelos sem tratamentos de relaxamento ou alisamento, e é exatamente dos cabelos da filha que vem uma voz indicando-lhe como recuperar o acordo feito com o malfeitor Lugardson e restaurar o status da família.

Por fim, a estadunidense Audrey Niffenegger é a que mais se aproxima do universo fantástico em sua obra, como é o caso do romance *A Mulher do Viajante do Tempo*. É professora da Universidade de Colúmbia em Chicago e se descreve como representante de um ponto entre o agnosticismo e o ateísmo⁴.

Seu conto de fadas é “The ruin of Grant Lowery”, no qual Grant é um jovem que é convidado por fadas antropólogas para participar de um programa de imersão para que elas aprendam mais sobre seres humanos. Durante o trabalho de campo, ele se torna um bichinho de estimação de uma delas e é salvo por uma segunda fada, que, eventualmente, o transforma em um hamster.

O retorno aos contos clássicos não é, de forma alguma, um fenômeno isolado, sendo permeado por buscas pela magia e via mitologia clássica, representado por referências greco-romanas ou mesmo asiáticas, ou por meio de mitologias modernas, como é o caso dos quadrinhos de super-heróis. Essa preocupação com o mágico e o fantástico nos remete aos conceitos de desencantamento e reencantamento.

O conceito de desencantamento foi elaborado pelo sociólogo Max Weber (1864-1920), num contexto de crescente racionalização das ações sociais, a partir das reflexões do filósofo Friedrich Schiller (1759-1805) acerca do desencanto do mundo.

O filósofo e professor da USP Antônio Flávio Pierucci publicou a obra *O desencantamento do mundo: todos ao passo do conceito em Max Weber* com o objetivo de detalhar a construção e o emprego do conceito na obra weberiana. Pierucci identifica dezessete usos do termo, envolvendo empregos sinônimos à desmagificação, à perda de sentido, ou como uma combinação de ambos.

O autor destaca que, para Weber, há dois tipos de relação com o sagrado: por meio da magia e por intermédio da religião. A magia, nesse contexto, teria existência anterior à religião, e a passagem da primeira à segunda teria ocasionado uma racionalização por meio da doutrina (PIERUCCI, 2003, p. 70).

O desencantamento, dessa forma, compõe o processo de secularização, que nessa leitura não pressupõe somente um afastamento da religião, e sim a passagem de uma mentalidade mágico-mítica para um padrão racional-religioso, estando associado ao encapsulamento do sagrado na esfera social especificamente religiosa. Ou seja, os outros espaços sociais passam a ser estruturados pela lógica racional-científica, em um processo de diferenciação social que permite que o local do desconhecido e do sobrenatural seja preservado na sociedade, mas impede o contágio das práticas cotidianas, especialmente aquelas relativas ao espaço público.

No momento atual, convivemos com processos ligados ao desencantamento, mas também há portas abertas para o que se convencionou chamar de reencantamento do mundo, processo esse que tem sido estudado largamente em círculos acadêmicos.

O teórico Peter Berger é um dos pioneiros do estudo da secularização e mais recentemente das novas práticas de religiosidade e espiritualidade. O autor acredita que o reencantamento do mundo e do cotidiano perpassa fenômenos como a Nova Era e o neopaganismo, no qual os sujeitos buscam reconectar noções de espiritualidade e magia a partir de experiências individualizadas:

Essa situação representa uma severa ruptura com a função tradicional da religião, que era precisamente estabelecer um conjunto integrado de definições de realidade que pudesse servir como um universo de significado comum aos membros de uma sociedade. Restringe-se assim o poder que a religião tinha de construir o mundo ao da construção de mundos parciais, universos fragmentários, cuja estrutura de plausibilidade, em alguns casos, pode não ir além do núcleo familiar (BERGER, 2004, p. 163).

Entretanto, a noção inicial de Berger, segundo a qual as religiões tradicionais ou se adaptariam às novas tendências ou se fechariam completamente a seus pressupostos hoje em dia encontra-se um tanto relativizada:

[...] a existência de um crescimento significativo de espiritualidades holísticas é bem conhecida e raramente disputada em círculos acadêmicos. O que é disputado, entretanto, é se isso representa uma mera trivialização da religião, ou genuína sacralização. O problema foi afirmado muitos anos atrás por Peter Berger e tem desde então sido reafirmado de uma forma ou de outra por teóricos da secularização tais como, mais notavelmente, Bryan Wilson e Steve Bruce. Berger sugeriu duas opções limitadas: *ou* as religiões tradicionais podem “se acomodar” ao novo milieus sócio-cultural ao “modificar seu produto de acordo com as demandas dos consumidores”, *ou* elas podem recusar essa opção, “se entrincheirarem... e continuarem a professar as velhas objetividades tanto quanto

possível como se nada tivesse acontecido”. [...] Bastante simplesmente, já que Berger enfocou principalmente na compreensão tradicional de ‘uma religião’, essas opções são limitantes demais. O que foi discutido acima descreve outra opção, que é bastante diferente de um *renascimento* da religião na sociedade moderna. [...] De fato, se as opções que Berger propõe são bastante pessimistas, é porque elas descrevem “religião” lutando em uma sociedade crescentemente alheia (PARTRIDGE, 2005, p. 8-9).

Suzy Gablik (2005) expande essa discussão para o universo artístico ao defender que há dois pós-modernismos, o desconstrutivo, marcado pelo desencantamento, e o reconstrutivista, que busca o reencantamento.

à medida que o mundo da arte se incumbe do encerramento inevitável do modernismo e de suas fracassadas ambições utópicas, dois pós-modernismos parecem estar emergindo, no interior do mundo, da prática artística. Apenas um deles tem sido, até agora, visível e dominante dentro da tendência atual, e este é o pós-modernismo *desconstrutivo*, que está exaurindo o processo weberiano de desencantamento, por meio de formas medicinais de niilismo que não tenham a pretensão de precaver-se contra uma irremediável realidade, mas, sim, de chegar a um acordo com ela. [...] O outro pós-modernismo, que acontece simultaneamente, é bem menos visível (até porque até agora não tem havido estrutura compreensível ou utilizável para ele); é o que escolhi denominar pós-modernismo *reconstrutivista* (GABLIK, 2005, p. 612).

Nesse contexto, o pós-modernismo reconstrutivista estaria contrariando os princípios niilistas do desencantamento weberiano por meio de uma busca pelo mito, definido por Mircea Eliade como “uma realidade cultural extremamente complexa que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE, 1991, p.11), uma história sagrada, ocorrida no tempo primordial.

O mito seria, então, a representação máxima da narrativa essencial, surgida em um tempo de certezas. Georg Lukács, por exemplo, destaca que, nas narrativas épicas que fundamentaram os mitos contemporâneos, “ser e destino, aventura e perfeição, vida e essência são conceitos idênticos” (LUKÁCS, 2007, p. 27). Para o teórico húngaro o homem da antiguidade encontrava sua representatividade na narrativa mítica, pois possuía todas as respostas e nenhuma pergunta. A introdução da individualidade por meio da lírica teria, mais tarde, quebrado essa unidade perfeita.

Vinte séculos mais tarde, Eliade defende que, no contexto contemporâneo, caracterizado por identidades profundamente fragmentadas, os mitos não viriam a representar uma unidade, mas conseguiriam impor-se graças ao complexo de inferioridade do público e dos círculos artísticos oficiais (ELIADE, 1991, p. 161).

Suzy Gablik amplia o papel dos mitos no contexto atual ao distanciá-los de propostas saudosistas, vendo-os como um resgate das origens místicas que têm sido apagadas da sociedade contemporânea:

Longe de sermos românticos ou regressivos, o retorno à consciência mítica parece estar carregado de implicações pragmáticas de uma cultura que tem sido tão intolerante para aquelas experiências místicas que transcendem o consenso da realidade. [...] Pareceria, então, que aqueles artistas que percebem a necessidade pós-moderna de retornar ao mito – aqueles que estão tentando, em seus trabalhos, ganhar acesso a esses níveis mais profundos, a fim de reativar o sentido do mítico e do sagrado como um grande campo de força e proporcionar

a manifestações das imagens oníricas de uma mitologia – já começaram a tarefa de transcender os nossos modelos mecanicistas e alienados (GABLIK, 2005, p. 616).

Pensar o reencantamento como sendo esse resgate não significa supor um retorno do sagrado para todos os campos da sociedade. O diálogo que hoje se estabelece com o universo encantado é centrado na perspectiva individual o que limita o poder das instituições religiosas e, por conseguinte, a presença pública e coletiva desse ideário.

É sob essa perspectiva que analisamos o convite feito pelo jornal *The Guardian* para que três escritoras de perfis literários, editoriais distintos escrevessem contos de fada contemporâneos.

A questão da dualidade entre desencantamento e reencantamento permeia todos os três contos. Iniciaremos nossa análise, entretanto, pelo conto *Narcissa*, de Hilary Mantel, no qual a questão religiosa é mais latente.

O conto se inicia com a afirmação: “No tempo em que todos os padres estavam mortos, e a maioria das pessoas andava com as cabeças sob os braços por questões de segurança, havia uma princesa para quem nada jamais era bom o suficiente⁵”. A morte dos padres é uma referência clara à religiosidade tradicional ser vista como algo ultrapassado, pertencente a um tempo remoto.

Nesse universo, o Natal foi esquecido, os pais da princesa foram desmembrados e guardados no porão, todos os pretendentes foram rejeitados e a princesa, em sua existência sem sentido, mudava de aparência frequentemente, revelando uma ausência total de identidade, reforçada pela quebra dos espelhos trazidos de Versailles. A ausência de sentido da vida da princesa nos remete, novamente, ao conceito weberiano de desencantamento, e à sua imagem dentro da gaiola de ferro, denota que viveríamos em um mundo sem perspectivas.

A espiritualidade, entretanto, sobrevive, fato demonstrado pelo encontro da princesa, já com cerca de setenta anos, com sua alma, há muito trancada em um armário que a protagonista sequer se lembrava possuir.

Tal alma não tinha aparência etérea ou inspiradora, sendo comparada a fezes e à imagem de uma “mancha de piche que você pode encontrar na estrada em um dia quente⁶”. Na barriga da criatura ela vê sua verdadeira forma e aceita a alma como sua companheira.

Contrariando os contos de fada tradicionais não há o destino eternamente feliz, e o grande feito da princesa é chegar a uma morte tranquila. O contraponto religioso surge, mais uma vez, quando a morte dos padres é retratada como elemento de um mundo sem finais felizes, e pela palavra que fecha o conto: Amen.

Eu não posso dizer que eles viveram felizes para sempre. Em um país em que as pessoas andam por aí com suas cabeças sob os braços, isso é provável? Mas eu posso dizer que, tendo encontrado sua alma em um armário, e tendo finalmente se reconhecido, a princesa estava preparada para uma morte feliz. Como eu estou, e espero que você também, e espero que todos nós. Amen (MANTEL, 2012, p. 2).⁷

Na contemporaneidade, o pluralismo religioso que subverte a ordem da verdade religiosa, num processo de perda da plausibilidade, faz com que os fieis percam as suas convicções plenas, pois são confrontados com possibilidades religiosas (BERGER, 2004). No conto, a morte dos padres, remete à morte da verdade religiosa e do padrão coletivo de comportamento que conforta mais do que a possibilidade de escolha do plural universo religioso atual.

Esse fator é reforçado pela associação entre o passado dos padres ainda vivos e a possibilidade de finais felizes. No momento em que o conto se passa, a espiritualidade é apresentada de uma forma extremamente individual, cujo significado se confunde com a existência da princesa. O encontro com sua alma não é o elemento que a trará felicidade, e sim o acontecimento que trará sentido a uma existência sem propósito.

Um último aspecto que merece atenção é o paralelo com a mitologia grega anunciado no título do conto. Na história original, Narciso é um rapaz de beleza inigualável, que rejeita todas as suas pretendentes, tendo sido, por isso, amaldiçoado por uma delas. Segundo o desejo da moça, ele se apaixonaria por alguém que não poderia ter. Ao ver seu reflexo em uma fonte, apaixonou-se, mergulha para encontrar-se e se afoga, se tornando a flor que hoje traz seu nome.

Na versão de Mantel, a princesa não tem aparência definida, e não se reconhece em nenhum espelho. Seu único encontro verdadeiro se dá com sua alma. Apesar de pouco lisonjeiro, essa união lhe traz a paz necessária para encerrar sua vida.

Já o conto *Hair*, de Chimamanda Ngozi Adichie, se aproxima do universo da magia para narrar uma história marcada pela crítica social. O conto se inicia com uma aposta feita pelo pai da família de protagonistas, na qual ele perde todas as suas posses para um suposto amigo, Lugardson.

É interessante notar que, assim como a princesa de Hilary Mantel, os membros da família não têm nome, sendo identificados somente como o pai, a mãe, a filha e o filho. Já o vilão, e o juiz Rotimi são identificados por sobrenomes.

A aposta de bar, tomada pelo pai como piada é oficializada por um juiz corrupto e a família tem que se mudar de sua mansão para um apartamento decrépito. Vale ressaltar que a história é passada em Lagos, cidade mais populosa da Nigéria, e que a mansão que a família habitava se localiza em Queens Drive, nome dado como herança dos tempos de colonização.

O nome da rua não é, de forma alguma, o único resquício da dominação inglesa. Ao terem sua condição econômica radicalmente alterada, as mulheres da família se veem impossibilitadas de arcarem com os custos de tratamentos capilares, fator de grande importância para os protagonistas:

Agora, nenhum de seus amigos vinha para seu apartamento infestado de ratos onde o senhorio frequentemente removia o relógio de eletricidade. Mas a maior vergonha da mãe era seu cabelo. Ele estava embaraçado, com nós grossos de crescimento natural porque relaxamentos e piastras agora estavam fora de seu orçamento. Ela tinha sido o brinde de Lagos com sua permanente longa e lisa, e agora sempre usava um lenço nos cabelos, mesmo quando sozinha. A filha, também, não podia arcar com relaxamentos, então tinha cortado os cabelos, e assistia com espanto na medida em que crescia de novo, macio e denso como lã, já que nunca tinha visto seu cabelo natural (ADICHIE, 2012, p. 1).⁸

O pai, em seu estado de depressão e alcoolismo, pede que a menina cubra seus cabelos, mas ela permanece fascinada com sua nova aparência. A história se desenrola com uma terceira crítica social, uma vez que, após o juiz corrupto ter concedido valor legal à aposta do bar e à questão dos padrões de beleza capilar, soma-se o sexismo. Lugardson volta a procurar a família para oferecer emprego a um de seus filhos e o rapaz é escolhido, apesar de a filha ser mais inteligente, e ter sempre feito os trabalhos de escola para ele.

É nesse contexto que surge o elemento mágico, quando a filha começa a ouvir uma voz vinda de seus cabelos, pois, segundo a narradora, “havia algo mágico sobre seu cabelo”. Ele a ensina como e quando entrar no escritório de Lugardson e roubar o acordo da aposta, que o vilão guardava na tubulação de ar condicionado.

Ao contrário de vozes de consciência, como o Grilo Falante, os cabelos da filha agem de forma bem mais direta, arquitetando o plano que torna possível a anulação da aposta por intermédio do incorruptível juiz Rotimi.

Nessa narrativa, portanto, os cabelos se relacionam à magia, à natureza e à imagem pessoal, três temas recorrentes nos contos de fada. Ao contrário da mãe, que se envergonha de seus cabelos sem tratamento e chega a se tornar bulímica após a perda de suas posses e de seu *status quo*, a filha reage com espanto e carinho à visão de suas madeixas naturais, que viriam a trazer a solução para seus problemas.

É interessante destacar que os cabelos, que dão título ao conto, representam a natureza pura e indomada e que a filha, que nunca tinha visto suas madeixas naturais, não havia escolhido domesticá-las, tendo sido levada a esse cenário por meio de normas sociais mediadas pela mãe.

O último conto publicado pelo *Guardian* é *The ruin of Grant Lowery*, de Audrey Niffenegger. Essa narrativa traz mais um elemento tradicional dos contos infantis, nesse caso as próprias fadas.

A apresentação das personagens, em um bar de Chicago, se dá de forma irônica, pois, quando Grant conhece a fada a quem se refere somente como “a dama”, ele se confunde com sua apresentação, em uma referência à gíria estadunidense em que fada é sinônimo de homossexual.

A segunda fada apresentada, Letícia, também não se encaixa nos padrões habituais, com seu visual de vaqueira. Na conversa que se segue a dama apresenta a aposta que havia sido feita, segundo a qual ele aceitaria viver com uma delas por um ano, a título de pesquisa de campo sobre humanos.

O sonho que Grant tem naquela noite é peculiar aos contos de fada, com a bucólica cena da esposa cozinhando para o marido. Ao acordar, entretanto, seu apartamento fora amplamente reformado por uma fada desconhecida, sua existência pessoal e profissional é apagada e Grant se torna bichinho de estimação da fada antropóloga.

Morar com uma dama fada era assustador, entediante, mistificante e irritante para Grant em medidas iguais. Ele não parecia ter mais emprego. Qualquer coisa que a dama quisesse que ele fizesse para ela, ele fazia. Caso contrário ele ficava à toa no apartamento, afligindo-se. Ele ganhou uma aparência um tanto macilenta, e tirava muitas sonecas. Ele se sentia como um bichinho de estimação (NIFFENEGGER, 2012, p. 2).¹⁰

Quando a situação parecia não ter saída, uma outra fada aparece e lhe diz o nome da primeira, para que Grant o repita três vezes. Feito isso, a fada decoradora some. A primeira, entretanto, ao assumir o posto de pesquisadora, o transforma em um hamster.

A transformação de pessoas em animais é também recorrente em contos de fada, mas, nesse caso, vem acompanhada de um forte tom de ironia, uma vez que torna Grant um bicho de estimação oficial.

Outra novidade do texto de Niffenegger está nas referências culturais e geográficas. Enquanto *Narcissa* é passado em um reino desconhecido e *Hair* tem uma única referência a Lagos, extremamente justificável por conta da crítica social, *The ruin of Grant Lowery* traz diversas menções à cidade de Chicago, seja em citações diretas, ou em referências a bairros da cidade e a seu time de beisebol, os Cubs.

O protagonista, Grant, também está parcialmente ligado aos padrões dos contos de fada, sendo muito bonito, com seus “25 anos e tinha todo o cabelo espesso e ondulado, dentes retos e brancos e o charme de barba por fazer da juventude¹¹”, mas era um tanto lento de raciocínio.

A leitura dos contos, comissionados pelo *Guardian* para refletirem nosso momento atual, permite perceber, então, que o retorno aos contos de fada representa uma forma de pós-modernismo reconstrutivista, operando dentro do reencantamento do mundo.

As escolhas das autoras não representam, entretanto, uma negação dos elementos do desencantamento, como é o caso da ironia e da crítica social, e sim a busca por uma magia que englobe a espiritualidade individual e uma existência mais mítica e menos mecanicista.

Reenchantment in the fairy tales of the 21st century

ABSTRACT:

The return of fairy tales to literature and mass media is part of a wider movement centered on the reenchantment of the world and on the proposal of a reconstructivist post modernism. We shall analyze this universe from the start point of three fairy tales commissioned by the British newspaper *The Guardian* to portray the 21st century, with the support of theories by Max Weber, Peter Berger and Suzi Gablik.

Keywords: Fairy tales. Reenchantment. Reconstructivist post modernism.

Notas explicativas

* Doutora em Ciência da Religião / UFJF, Coordenadora do núcleo de dissertação do PPGP / CAEd / UFJF.

** Doutoranda em Estudos Literários / UFJF, assistente de orientação do PPGP / CAEd / UFJF.

¹ Todas as citações referentes aos contos serão de tradução das autoras e poderão ser encontradas na íntegra no endereço eletrônico: <<http://www.guardian.co.uk/books/2007/nov/10/booksforchildrenandteenagers.features>>.

² THE GUARDIAN. No original: “Once upon a time ... there were frog princes, ugly sisters and dark, moral messages. And now? We challenged three writers to come up with fairy tales fit for the 21st century”.

³ THE GUARDIAN. Entrevista com Hilary Mantel. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/theguardian/2009/sep/12/hilary-mantel-booker-prize-interview>>. Acesso em 28 abr. 2012.

⁴ USA Today. Artigo Audrey Niffenegger. Disponível em: <http://www.usatoday.com/life/books/news/2009-09-30-niffenegger-symmetry_N.htm>. Acesso em: 2 maio 2012.

⁵ No original: “In the days when all the priests were dead, and most people walked around with their heads tucked under their arms for safety’s sake, there was a princess for whom nothing was ever good enough”.

⁶ No original: “blob of tar you might find on the road on a hot day”.

⁷ No original: “I cannot say that they all lived happily ever after. In a country where people walk around with their heads under their arms, is that likely? But I can say that, having found her soul in a cupboard, and having recognised herself at last, the princess prepared for a happy death. As I do, and so I hope do you, and so I hope do we all. Amen.”

⁸ No original: “Now, none of their friends came to their mice-filled flat where the landlord often removed their electricity meter. But the mother’s greatest shame was her hair. It was matted, with thick clumps of natural undergrowth because relaxers and weaves were now unaffordable. She had been the toast of Lagos with her long and straight perm, and now she always wore a headscarf, even when alone. The daughter, too, could no longer afford relaxers and so had cut her hair off, and watched in wonder as it grew back, soft and dense like wool, for she had never seen her natural hair.”

⁹ No original: “There was something magical about her hair”.

¹⁰ No original: “Living with the fairy lady was frightening, dull, mystifying and aggravating for Grant in equal measures. He didn’t seem to have a job any more. Whenever the lady wanted him to do something for her, he did it. Otherwise he hung around the apartment, fretting. He became rather haggard looking, and took a lot of naps. He felt like a pet.”

¹¹ No original: “25 years old and had all the thick, wavy hair, straight, white teeth and unshaven charm of youth.”

Referências

- ADICHIE, Chimamanda. Hair. In: *Once upon a time...* Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/books/2007/nov/10/booksforchildrenandteenagers.features.>>. Acesso em: 24 abr. 2012.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado*. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004. 200 p.
- GABLIK, Suzi. O reecantamento da arte: reflexões sobre os dois pós-modernismos. In: GINZBURG, J., BARBOSA, Ana Mae (Org.). *O Pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 611-622.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1991. 184 p.
- LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*. São Paulo: Editora 34, 2007. 240p.
- MANTEL, Hilary. Narcissa. In: *Once upon a time...* Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/books/2007/nov/10/booksforchildrenandteenagers.features.>>. Acesso em: 24 abr. 2012.
- NIFFENEGGER, Audrey. The ruin of Grant Lowery. In: *Once upon a time...* Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/books/2007/nov/10/booksforchildrenandteenagers.features.>>. Acesso em: 24 abr. 2012.
- PARTRIDGE, Christopher. *The Reenchantment of the West*. (v. 2.) New York: T&T Clark International, 2005. 465 p.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2003. 240 p.

Recebido em: 23 de maio de 2012

Aprovado em: 6 de novembro de 2012